

Entre o medo e o desconhecimento: a China fantasiosa em “Sopa de Wuhan”

POR YASMIM PEREIRA YONEKURA

*Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina,
Servidora técnico-administrativa em educação no Colégio de Aplicação da UFSC.*

BADIOU, Alan. BERARDI, Franco. BUTLER, Judith. GABRIEL, Markus. GALINDO, Maria. GONZALEZ, Gustavo. HAN, Byung-Chul. MANRIQUE, Patrícia. PRECIADO, Paul. PETIT, Santiago. HARVEY, David. ZIBECHI, Raúl. ZIZEK, Slavoj. **Sopa de Wuhan: Pensamento Contemporâneo em Tempos de Pandemia**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio). 2020.

“Sopa de Wuhan” é uma coleção de textos de pensadores das mais diversas áreas de estudos das Ciências Humanas, de diversos países. Destaca-se que nesse compilado, abundam latino-americanos, europeus e estadunidenses, enquanto há apenas um asiático (o sul-coreano Byung-Chul Han), para falar de um vírus cujo primeiro epicentro foi um país asiático, a China. A coletânea foi lançada virtualmente no começo da pandemia, em março de 2020.

A edição visual já chama atenção para o posicionamento que o a organização ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio) e o diretor de arte Pablo Amadeo tomam e qual imaginário escolhem imputar a China e a pandemia do corona vírus. Com morcegos na capa e uma sopa na primeira página da edição virtual, fica explícita que a narrativa da barbárie culinária chinesa é o mote que permeará a ideia central da obra. Seu conteúdo quando não é explicitamente aberto nessa direção, traz-nos o imaginário sobre a nova potência global imerso em uma romantização da Ásia arcaica, um *revival* apaixonado do mito do perigo amarelo comunista ou qualquer outra forma de expressão que evidencia o desconhecimento dos pensadores ocidentais sobre a nova potência econômica global.

A capa ressoa a informação que circulou em *fake news* no começo da pandemia sobre a “sopa de morcego”, supostamente feita numa feira onde diversos espécimes de animais silvestres são consumidos. Uma foto acompanhou a notícia, que circulou em várias redes sociais e mesmo em páginas com credibilidade. Posteriormente, pessoas de Wuhan e toda a China desmistificaram a ideia, escancarando o viés racista da *fake news*, que ecoa uma construção da população chinesa no imaginário ocidental como um povo afeito à barbárie. Posteriormente, indicou-se que o mais

possível é que a mutação do vírus para o organismo humano tenha acontecido a partir da ingestão de carne de outro animal, o pangolim, que algumas pessoas na China afirmam que o consumo se dá para fins medicinais.

Assim, uma análise da imagética usada já evidencia o tom de muitos escritos do volume. O notório marxista Zizek aponta que o corona vírus é um “golpe fatal” no capitalismo por parte do regime comunista chinês (p. 23, 2020). O artigo de Zizek parte da analogia com o filme *Kill Bill* do diretor estadunidense Quentin Tarantino. Além de colocar a catástrofe da pandemia como necessária, e comparar a pandemia a um golpe do filme, fica evidente que a análise não é suficiente. Apesar de politicamente se dizer comunista, a China tem uma política econômica que tem grandes semelhanças com as potências do capitalismo neoliberal. Também reproduz um neoimperialismo muito semelhante, principalmente com países da África e da América Latina. De tal forma, colocar o corona vírus como um vírus ‘comunista’ e fatal para o capitalismo é simplificar a complexidade chinesa e a própria pandemia, além de subestimar a capacidade do neoliberalismo de se reinventar.

Alain Badiou se contradiz: primeiro, define como ‘novo’ o imperialismo chinês, depois define a China como “antigo império”. Pensando no contexto do capitalismo neoliberal global, a China pode até ser uma potência recente, mas seu histórico imperialista é antigo, principalmente com os vizinhos coreanos e japoneses. Dizer que esse imperialismo é novo é pensar excluindo a profundidade das relações e da história da Ásia. É um imperialismo antigo que tem a capacidade de se reinventar.

David Harvey destaca o nível de descontrole da vigilância nos países asiáticos e os acusa de uma má gestão da crise. Vale destacar que a pandemia do corona vírus é algo que não tem precedente na história global; vale questionar se a pandemia tivesse surgido em países ocidentais, se a cobrança e o tom acusatório seriam feitos na mesma intensidade. Para solucionar a pandemia, Harvey direciona as políticas de Bernie Sanders como “salvadoras” e entende que a saída da crise é socialista, mas não considera as atitudes positivas de contenção das autoridades dos países asiáticos e não situa com devida precisão o estado híbrido da China em termos de política-econômica.

O coreano Byung-Chul Han aponta para o autoritarismo das sociedades coletivistas leste-asiáticas e a obediência de seus cidadãos. O pensador foi o que mais próximo chegou de explorar de fato a complexidade do continente. Porém em vez de contextualizar as epistemologias asiáticas e as histórias de suas sociedades para melhor explicar de onde surgiram o coletivismo e o autoritarismo, Chul Han parece cair na simplificação de um maniqueísmo muito ocidental que não entende a pluriversalidade humana. Também destaca a necessidade de retomar certas atividades econômicas para a Europa, ressaltando o que parece ser um temor do domínio chinês.

Os textos brevemente analisados acima demarcam o tom da obra, muito singela e racista em relação à magnitude da importância e da complexidade da China no atual contexto e no mundo pós-corona. Além de apontarem para uma derrota do capitalismo e da própria China, como se apenas a pandemia fosse solucionar os problemas causados pelo neoliberalismo, há uma rasa compreensão para além das próprias epistemologias. Harvey aponta a saída socialista, mas não menciona a questão de raça que é central nos EUA e intrínseca a questão de classe; a pandemia tem como as maiores vítimas fatais nesse país os negros e latinos. Assim, o corona vírus parece ser a derrocada final do capitalismo. Não há esforço para pensar *se* e *como* o neoliberalismo ultracapitalista pode se aproveitar e talvez até se intensificar com a crise pandêmica. Sobre o país leste-asiático, “Sopa” se divide entre tentar resgatar uma Ásia “arcaica” e incompreensível para “decifrar” uma nação que não cabe nas caixas de pensamento ocidental.

Além desses problemas teóricos, “Sopa de Wuhan” perpetua uma irresponsabilidade racista muito grave; ao naturalizar a China como responsável pelo caos global e os países asiáticos como autoritários numa visão maniqueísta, ela incorpora ao campo supostamente progressista do pensamento acadêmico contemporâneo a retórica do “vírus chinês”. A um nível teórico, parece não gerar maiores danos, além de evidenciar a falta de vontade dos ocidentais de conhecerem e estudarem uma realidade diferente da sua, ficando limitados a uma retórica do século passado. Porém, a nível interpessoal, ajudar a perpetuar a ideia do “vírus chinês” pode justificar e até naturalizar a onda de ataques contra asiáticos que tem acontecido desde o começo da pandemia, quando a grande mídia ocidental começou a massificar as informações sobre o corona vírus e continuamente colocar imagens de pessoas de origem asiática para representar as informações sobre a pandemia. Esses ataques são físicos, virtuais e, nas Américas, rememoram o século passado de ataque aos imigrantes leste-asiático, onde, em países como os EUA, a segregação social e encarceramento contra esses foi adotada pelo Estado. Tudo isso indica a dificuldade da esquerda contemporânea branca – ou embranquecida – de desconstruir o próprio racismo e pesquisar outras ontologias e epistemologias sem usar seus próprios parâmetros de adequação.

De tal forma, “Sopa de Wuhan” precisa ser lido como uma resposta insuficiente para a pandemia e para a complexidade da questão chinesa. O futuro e a superação do capitalismo não estão no corona vírus ou em qualquer outra resposta pronta. A resposta virá quando nos dispusermos a encontrar novas formas de pensar e viver o mundo de forma individual e coletiva respeitando a pluriversalidade humana, para além de estereótipos racistas ou epistemologias que se negam a se atualizar. ↗